



DANÇA QUE MARCA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DO POVO ARAGHADJOKÓ DE SOGA: RITUAIS DE INICIAÇÃO E CELEBRAÇÕES FESTIVAIS

Ismael Indequê¹

Ricardo Cesar Carvalho Nascimento²

RESUMO

Este trabalho analisa a dança como marcador da identidade sociocultural do povo Araghadjokó (Bijagós) da ilha de Soga, no arquipélago Bijagó, Guiné-Bissau, com foco nos rituais de iniciação e nas celebrações de festivais. A dança, é entendida aqui como prática social, ritualística e identitária, é estudada a partir de referenciais da antropologia cultural e dos estudos de identidade (Durkheim, Mauss, Hall, Geertz, Turner), articulando tradição, memória e resistência cultural. A pesquisa tem caráter qualitativo e etnográfico, com base em revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas. Os resultados apontam que a dança ocupa papel central na vida comunitária dos Araghadjokó, transmitindo saberes ancestrais, reforçando coesão social e funcionando como mecanismo de resistência frente às pressões da modernidade e da globalização. A preservação das práticas rituais e festivas da dança é fundamental para o fortalecimento da identidade cultural dos Araghadjokó, representando não apenas sua memória coletiva, mas também um espaço de reinvenção diante das mudanças históricas.

Palavras-chave: Dança; Identidade sociocultural; Araghadjokó; Rituais.

UNILAB, Palmares, Discente, maelindequesoga10@gmail.com¹

UNILAB, Palmares, Docente, ricardonascimento@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A dança, nas sociedades africanas, assume papel que transcende a estética: constitui-se em veículo de memória coletiva, preservação de valores e afirmação identitária. Ela vai muito além do entretenimento, é a linguagem, memória e resistência. Para o povo Araghadjokó da Ilha de Soga (arquipélago dos Bijagós, Guiné-Bissau), a dança atua como um verdadeiro marcador da identidade sociocultural, revelando valores, hierarquias e laços com o mundo espiritual. Em um contexto de globalização e pressões externas, estudar a dança é também compreender como as tradições se mantêm vivas, reinventando-se diante dos desafios contemporâneos. No entanto, este trabalho analisa duas dimensões fundamentais das danças:

As danças de ritual de iniciação, que marcam a passagem da juventude para a vida adulta, realizadas em três etapas: nkutchó, ghaghunaké e ghandjaghó e as danças de celebração de festival, que expressam alegria coletiva, pertencimento e reconhecimento social, destacando-se as danças Kunderê e Cliente. O trabalho objetiva analisar a relevância das danças de rituais, particularmente aquelas ligadas ao processo de iniciação e da celebração de festivais, como marcadores de identidade sociocultural do povo Araghadjokó de Soga. Concomitantemente, compreender o papel da dança no ritual de iniciação e sua importância na transição para a vida adulta; Explorar os significados simbólicos das danças festivas na marcação identitária; Identificar como a dança projeta a identidade Araghadjokó diante de outros povos bijagós e no contexto nacional;

A questão central deste trabalho é compreender em que medida a dança atua como marcador da identidade sociocultural dos Araghadjokó. Diante das pressões externas, como globalização, turismo e modernização, as práticas rituais correm o risco de se resignificar ou mesmo desaparecer. Nesse sentido, torna-se necessário investigar: Quais são as danças que marcam a identidade dos Araghadjokó? Como essas práticas preservam valores coletivos e tradições ancestrais? De que maneira a dança pode projetar a identidade Araghadjokó para além do arquipélago, dialogando com outros povos e contextos da diáspora africana?

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e etnográfica, baseada em: Revisão bibliográfica sobre identidade, rituais e dança dos Araghadjokó. Trabalho de campo na Ilha de Soga (observação participante, entrevistas com líderes e dançarinas, registros audiovisuais). Análise de conteúdo na perspectiva (Bardin, 1977) para interpretação dos significados sociais, espirituais e políticos atribuídos às danças. As abordagens respeitaram princípios éticos e a cosmovisão local, com consentimento da comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão da dança como prática coletiva remete ao pensamento de Durkheim (1912), que entende os rituais como mecanismos de coesão social. No contexto do povo Araghadjokó, os rituais de iniciação e as celebrações festivas se tornam momentos em que a coletividade reafirma laços de pertencimento e solidariedade.

Mauss (1934) aprofunda esse entendimento ao tratar das técnicas corporais como práticas culturalmente transmitidas. Nos rituais dos Araghadjokó, cada gesto aprendido e repetido carrega uma pedagogia silenciosa. A dança funciona como uma forma de educação do corpo, na qual se inscrevem valores, saberes e modos de ser próprios da comunidade.

Sob a ótica de Geertz (1973), a dança pode ser lida como um texto social, no qual símbolos e significados são



corporificados. Os movimentos ritualísticos narram histórias de ancestralidade, espiritualidade e resistência, funcionando como linguagem que articula memórias coletivas e produz sentidos compartilhados.

Para Stuart Hall (2006; 2003), a identidade cultural deve ser entendida como um processo em constante negociação e reinvenção. Nesse sentido, a dança dos Araghadjokó é simultaneamente tradição e reinvenção. Ao performarem seus rituais, os sujeitos resistem às pressões externas e reafirmam sua diferença, ao mesmo tempo em que atualizam práticas culturais frente às dinâmicas contemporâneas.

O estudo de Canto (2020) acrescenta a dimensão da visibilidade nacional e internacional das danças dos Araghadjokó, evidenciando como essas práticas ganham reconhecimento fora do arquipélago. Essa circulação amplia a projeção da cultura Araghadjokó, mas também cria tensões, na medida em que símbolos locais são reinterpretados e reapropriados em contextos externos, exigindo da comunidade novas formas de preservação e ressignificação.

Dança nos rituais de iniciação

As danças de iniciação constituem os momentos mais sagrados para os Araghadjokó, marcando a passagem da infância à vida adulta. Realizadas em três etapas: Nkutchó, Ghaghunaké e Ghandjaghó, elas atribuem novo status social às jovens, conferindo-lhes responsabilidades na comunidade. Entre os estilos, destacam-se a dança Épanha (Corvo), que ensina valores de comunicação e ética comunitária, e a dança Uraté (Canoa), símbolo de liderança e responsabilidade coletiva. Os movimentos são apreendidos sob a orientação das Odjonem (mestras), que transmitem não apenas coreografias, mas valores sociais e espirituais. O espaço ritual, Etineguê (bantaba) é cuidadosamente preparado com tambores, cantores e cuidadores do fogo, simbolizando a conexão entre vida, natureza e espiritualidade.

Dança nos festivais

As danças das celebrações festivas marcam eventos comunitários, como colheitas e encontros sazonais. Destacam-se, duas danças: Kunderê e Cliente.

Kunderê, reconhecida nacional e internacionalmente, é um marco de alegria coletiva, envolvendo toda a comunidade em cantos e movimentos circulares. A dança Kunderê é uma das danças de celebração do festival e a mais conhecida nacionalmente e internacionalmente, no entanto, a dança é uma forma poderosa de expressar a identidade cultural de um povo. Cada estilo de dança carrega consigo elementos específicos da cultura em que surgiu, seja através dos movimentos, das vestimentas ou da música utilizada, isso por sua dinâmica de suscitar alegria na alma dos envolvidos, tanto dançarinas como os telespectadores, na verdade, a prática da dança kunderê é que expandiu a identidade dos povos araghadjokó. Desde longos anos, os araghadjokó praticavam dança de kunderê nos dias de celebração do festival.

Cliente, surgido em 2001 de forma espontânea, tornou-se expressão identitária singular da ilha de Soga, diferenciando-a de outras comunidades bijagós. Foi assim que surgiu sons rítmicos de dança Cliente, que se deu numa dança atualmente mais famosa entre os Araghadjokó. A dança cliente é a ponte da marcação da identidade sociocultural, para que as pessoas possam conhecer o Araghadjokó da ilha de Saga.

Ambas as danças, ainda que abertas ao público externo e muitas vezes apresentadas em contextos turísticos, mantêm profundos significados de pertencimento e resistência cultural.

CONCLUSÕES

A pesquisa evidencia que a dança, entre os Araghadjokó, é mais do que performance artística: é instrumento de transmissão de saberes ancestrais, marcação de papéis sociais e reafirmação de uma identidade coletiva



ameaçada por pressões externas. As danças de iniciação asseguram continuidade cultural, enquanto as festivas projetam a identidade para além da comunidade, favorecendo reconhecimento e diálogo intercultural. Portanto, estudar e documentar essas práticas não apenas contribui para a antropologia da dança e os estudos culturais, mas também reforça a necessidade de políticas de preservação do patrimônio imaterial guineense, conforme recomenda a UNESCO (2003). Conclui-se que a dança é um marcador fundamental da identidade Araghadjokó, um elo entre passado, presente e futuro, e um espaço de resistência, memória e renovação cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que participaram no processo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Emile. Les formes elementaires de la vie religieuse: file système totémique en Australie. Paris: Alcan, 1912.

MAUSS, M. "Les Techniques du Corps". Journal de Psychologie Normale et Pathologique, 32, 271-293, 1934.

GEERTZ, Clifford. The Interpretation of Cultures. New York: Basic Books. 1973.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: UNESCO, 2003. Disponível